

NA CONTRAMÃO DA UTOPIA:

A memória da destruição da cidade de São João Marcos

DILMA ANDRADE DE PAULA*

RESUMO

A temática desse trabalho é a recuperação e análise da memória da comunidade expropriada da cidade fluminense de São João Marcos, destruída em 1941 por uma empresa canadense do setor elétrico, a The Rio de Janeiro Tramway, Light and Power Co. Ltd., visando a implementação de um projeto de aproveitamento hidrelétrico. O objetivo central é apresentar a história oral como recurso técnico fundamental para o resgate da memória dessa comunidade, identificada com aquele espaço social e territorial que deixa de existir.

Palavras chave: memória, cidade, modernização, energia elétrica.

*Podem arrasar as casas, mudar o curso
das ruas; as pedras mudam de lugar,
mas como destruir os vínculos com que
os homens se ligavam a elas? (...)
À resistência muda das coisas, à teimosia
das pedras une-se a rebeldia da memória
que as repõe em seu lugar antigo¹*

As utopias têm lugar na vida das pessoas quando estas projetam seus sonhos para algum lugar no futuro. Em alguns casos, porém, o sonho de um outro lugar e/ou de uma outra vida deixa de existir na medida em que a perspectiva do futuro é negada. Foi o que aconteceu com a comuni-

* Doutoranda em História pelo Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense e Mestra em História Social (1994), pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com a dissertação intitulada: *A Cidade Submersa: o processo de destruição de São João Marcos (1930-1945)*.

¹. BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade. Lembrança de Velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz/UnB, 1987, p. 371.

dade da cidade fluminense de São João Marcos, destruída de 1941 a 1945 pela empresa The Rio de Janeiro Tramway, Light and Power, Co. Ltd., para dar lugar a um projeto hidrelétrico. Os habitantes da cidade foram forçados a deixar suas casas e mudarem-se para outros locais, perdendo suas casas e afastando-se de parentes e amigos. A saída da cidade foi, para grande parte das pessoas, a negativa de seus sonhos plantados naquele espaço social. Devido a esses fatores esse processo aconteceu, para a comunidade de São João Marcos, na contramão da utopia. A idealização da vida deixava de ser o futuro e se transferia para o passado.

O objetivo central desse trabalho é o de resgatar a visão de alguns ex-moradores de São João Marcos sobre a sua antiga comunidade e também sobre a sua destruição, percorrendo os caminhos da memória e da história. Na concepção dos antigos moradores, o mais difícil é, além de não terem mais o seu referencial material, o seu “lugar de memória”, também terem os laços de amizade partidos. Várias promessas foram feitas, muitos decretos foram assinados com o objetivo de garantir a reconstrução da cidade em outro local o mais próximo possível do antigo território. A questão, no entanto, nunca foi resolvida. Julgamos fundamental, neste caso, trabalhar com depoimentos orais para termos uma dimensão do impacto da decisão do Estado sobre a vida daquela cidade. Quando milhares de seres vivos e imensas extensões de terra continuam sendo sacrificados em nome de um progresso duvidoso, é fundamental lembrar e repensar acontecimentos dessa natureza. Rememorando, podemos evitar a repetição de tragédias. No dizer de Ecléa Bosi, rememorar é uma função social, não é sonho². A busca da memória e das lembranças faz parte do sentido da história presente.

Uma das muitas possibilidades da história oral é a de recuperar a narrativa e a tradição oral. O registro da oralidade é uma prática, por excelência, para se conhecer a memória de uma comunidade e também para divulgá-la para um público mais vasto. Por outro lado, a narrativa oral é uma forma de resgatar o papel do indivíduo enquanto agente social na história.

Destruída a cidade e não concretizada a prometida reconstrução em outro local, os laços afetivos e materiais daquela população se partiram, causando um desenraizamento. Segundo Paul Thompson, a história oral é propiciadora de uma dialética entre informação e interpretação, entre classes e gerações. Sendo construída em torno de pessoas, lança a

². *Idem*, p. 39-40.

vida para dentro da própria história, alargando o seu campo de ação. Além do que “traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade”³.

As pessoas que viveram em São João Marcos têm a sua versão dos acontecimentos que modificaram substancialmente suas vidas. Desse modo, na recuperação da história da destruição dessa cidade tornou-se imprescindível trabalhar com os relatos orais, paralelamente à consulta a fontes escritas. Para que os depoimentos não pareçam deslocados no tempo e no espaço, faremos um breve histórico do município e do contexto da sua destruição.

A história de uma morte anunciada

A fundação de São João Marcos tem origem no processo de expansão territorial do século XVIII, através da busca de novos caminhos terrestres que ligassem as capitânicas de São Paulo e Minas Gerais com o Rio de Janeiro. O município tornou-se grande produtor de café no século XIX, com a expansão do cultivo desse produto no Vale do Paraíba. No final do século XIX, a cidade contava com 14 mil habitantes, duas escolas públicas, uma agência de correios, dez ruas, três largos, um teatro e duas igrejas. O município era constituído pelas paróquias de São João Marcos e Nossa Senhora da Conceição do Passa Três. Da época do café a cidade herdou a arquitetura colonial, estampada nos seus casarões e nas igrejas. Passado o “boom” cafeeiro, a região entrou em processo de decadência econômica, sobrevivendo através de pequenas produções para consumo interno e para exportação regional, além da pecuária extensiva.

Em 1905, a empresa The Rio de Janeiro Tramway, Light and Power Co. Ltd., empresa de origem canadense com capitais ingleses e norte-americanos, começou a construção da Usina de Fontes, sua primeira grande hidrelétrica, no município fluminense de Piraí. Para alimentar essa usina, a empresa represou e desviou o curso de vários rios, formando a represa do Ribeirão das Lages.

Aos poucos as águas dessa represa foram se aproximando do território do município de São João Marcos, vizinho ao de Piraí. Agricultores perdiam suas terras, inundadas pelo lago. A cidade foi ficando sitiada, cada vez mais ameaçada com a expansão das águas. Em 1908 a Light terminava a primeira fase da construção de Fontes. Em 1909, com o aumento de alagadiços e com a conservação insuficiente da represa, a malá-

³. THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 44.

ria alastrou-se numa grande epidemia. Muitas pessoas morreram (770 óbitos registrados em 1910), outras fugiram, abandonando casas e terras. Daí em diante, o município foi enfraquecendo-se cada vez mais, num processo de decadência econômica e política. Finalmente, em 1938, o governo estadual decretaria a sua anexação ao município vizinho de Rio Claro, o que, sem dúvida, contribuiria ainda mais para a sua destruição definitiva.

Ainda no início da década de 1930 a empresa começava a incentivar a discussão de projetos mais efetivos de expansão da represa, que se encontrava nos limites da cidade, o que culminaria, inevitavelmente, com a sua destruição. Os argumentos que a Light, as autoridades governamentais e alguns jornais do Rio de Janeiro utilizavam para justificar a necessidade de destruição completa da cidade eram: a) a necessidade urgente de ampliar o abastecimento de água para a cidade do Rio de Janeiro, então Capital Federal, que se abastecia com pequenos mananciais que já não atendiam mais às necessidades do consumo; b) ampliar a capacidade de geração de energia elétrica no estado, motor fundamental da industrialização, então engatinhante.

Em 1939, uma reportagem de *O Globo* informava que a Light havia comprado 78 fazendas e a maior parte das casas da cidade, pretendendo adquirir toda a área ocupada pelo que era São João Marcos⁴. Essa questão obteve ainda maior repercussão na imprensa fluminense quando, em 1939, o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN, tombou a cidade na tentativa de preservá-la da destruição. A situação de polarizava: de um lado os governos federal, estadual e a Light defendiam a necessidade do desaparecimento da cidade; de outro lado, o departamento cultural do Estado, representado por Rodrigo Mello Franco de Andrade, lutava de todas as formas possíveis para preservar a cidade, considerada monumento histórico nacional.

Apesar dessa cisão no aparelho decisório do Estado, ganhou a facção com maior poder. A Light, empresa de grande porte, que acumulava, além da geração e distribuição de energia elétrica, os serviços de bondes, ônibus, telefones e gás do Rio de Janeiro, ameaçava boicotar o setor elétrico, reduzindo ainda mais a geração de energia, caso seus planos quanto ao aumento da barragem e conseqüente desaparecimento da cidade não fossem atendidos. Até 1930 o Estado pouco interveio no setor elétrico. A partir desse ano, porém, com a vitória da Revolução de 30, o

⁴. *O Globo*, 19/05/39, s.p.

Estado intervém progressivamente no setor, na tentativa de controlar a área de geração e distribuição de energia elétrica, principalmente através do Código de Águas, promulgado em 1934.

Em represália a essas medidas do Estado, as grandes empresas deixam de atender à demanda energética, não ampliando suficientemente seu parque gerador e causando um déficit na economia do país. Em função dessa pressão, o governo acabou cedendo e rompendo alguns princípios básicos do Código de Águas. A destruição de São João Marcos é um episódio sintomático de todo esse processo; sob o argumento da necessidade de aumentar a capacidade energética do país e fornecer água para a Capital Federal, São João Marcos deveria desaparecer. Em 1939, já sob o Estado Novo, Getúlio Vargas resolveu “destombar” a cidade, desconsiderando a decisão do SPHAN e as reivindicações da população marcossense. O decreto-lei nº 2.269, de 03/06/39, autorizava a desapropriação de terrenos, prédios e quaisquer benfeitorias que viessem a ser inundadas pelos remansos da Light.

A população da cidade, no entanto, não aceitou passivamente a sua destruição. Em sua luta teve como líder principal Luís Ascendino Dantas, funcionário público estadual aposentado, chefe político local desde a década de 20 mas já afastado da vida pública. À época residindo em Niterói, sede do governo estadual e vizinha da Capital Federal, Dantas escreveu livros e artigos diversos sobre a importância histórica da cidade, clamando contra a sua destruição. Liderou vários abaixo-assinados, inclusive aquele que havia solicitado o tombamento da cidade, atendido por Mello Franco.

Numa época autoritária, especialmente no contexto do Estado Novo, decisões do porte do Decreto-lei nº 2.269 tinham um peso decisivo na vida do país e representavam a impossibilidade de retrocesso. A população, vencida, não teve outra saída senão a de se submeter às decisões federais executadas pela Light. Hoje, os moradores relembram, sob a ótica de suas versões particulares, rememorando tragédias pessoais e familiares. Sabem que, de fato, a cidade não precisaria ter sido destruída, devido à prova irrefutável da ausência, até hoje, de águas na maior parte do território da cidade, fora inundada uma única vez e nunca mais. Articulam suas lembranças de acordo com a importância que a cidade tivera em seu passado, contrapondo ao discurso técnico e oficial, a referência e a reverência às suas memórias.

No trato com os depoimentos dos marcossenses, tentamos fazer com que, ao mesmo tempo que preservassem a peculiaridade de sua vi-

vência, versassem também sobre abordagens comuns a todos. O principal critério para a escolha dos depoentes foi o de colher depoimentos de marcosenses atualmente residentes na cidade de Rio Claro. Esse município fluminense é, desde 1938, a sede do território que São João Marcos ocupava. Outro critério foi o da vivência em São João Marcos. Algumas pessoas moravam em áreas mais afastadas e não tinham um contato frequente com a cidade e com os efeitos do processo desencadeado nos seus últimos dias. Os depoentes escolhidos foram aqueles que efetivamente moravam na cidade e/ou tinham um contato permanente com seu centro urbano.

Os depoimentos foram organizados em duas partes distintas e complementares: a primeira, sobre a vida na cidade, as festas, os laços de amizade e o espaço da convivência, que intitulamos “idade do ouro”⁵; a segunda, que acompanha o processo de destruição da cidade, as impressões e interpretações pessoais, a forma pela qual a Light conduziu a demolição das casas e a desocupação do espaço urbano.

A Idade do Ouro - tempo de lembrar

A prosperidade do século XIX deixou profundas marcas na cidade de São João Marcos e na memória de seus habitantes. A decadência trazida pela crise da economia cafeeira e pela abolição da escravidão não impediu a idealização do passado, quando a fartura era geral e a cidade abrigava a felicidade e a prosperidade. O período de decadência passou a ser identificado com a chegada da Light e com os transtornos desencadeados pelo represamento dos rios. Na memória local, a Light representou todos os males, sendo responsável, afinal, pela destruição da cidade.

Ainda hoje a cidade é referenciada como portadora de uma grandeza inata, por suas riquezas agrícolas, pelo seu clima anterior à chegada da Light, pelos moradores e suas amizades e por uma idealizada tendência ao desenvolvimento. A memória da destruição e da separação é de tal forma sentida que todo o passado é construído como ideal. Toda a perda, seja de casas e terras, da comunidade de amizades e da referência natal,

⁵. Segundo Jacques Le Goff: “para dominar o tempo e a história e satisfazer as próprias aspirações de felicidade e justiça ou os temores face ao desenvolvimento ilusório ou inquietante dos acontecimentos, as sociedades humanas imaginaram a existência no passado e no futuro, de épocas excepcionalmente felizes ou catastróficas, por vezes, inseriram essas épocas originais ou derradeiras numa série de idades, segundo uma certa ordem”. Para o autor, a chamada “Idade do Ouro” não desapareceu, com as novas crenças e ideologias ela vive uma renovação nas mentalidades e na teoria dos historiadores. Cf. LE GOFF, Jacques. *Memória*. In: *Enciclopédia Einaudi*, v. 1, *Memória-História*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, p. 283 e 320.

faz com que, para os ex-habitantes da cidade, a vivência anterior seja sentida como a melhor de suas vidas. A infância e a adolescência de pessoas, hoje aposentadas, vivendo na difícil condição de velhos, em locais diferentes dos daqueles períodos “áureos”, representa a memória de um tempo glorioso. O presente não é o ideal, do futuro pouco se espera, o que mais marca a memória são os tempos passados.

O espaço da convivência é lembrado com reverência. D. Iracildes Coelho Pena, conhecida como Cidinha Pena, nascida em 1925, em Bom Jardim de Minas, Minas Gerais, mudou-se com a família para São João Marcos em 1938. Filha do comerciante Josino Pena e Antonia Lacerda, lembra-se do armazém e da casa, localizada na Rua da Palha:

Saía do armazém e entrava na sala de vistas, né? Tinha quatro quartos, sala de jantar, cozinha, banheiro, um quintal bom. O quintal era todo calçado de pedra bruta, assim. Era uma beleza a casa (...). Lá em casa sempre teve muita visita (...)⁶

D. Ângela, filha de José da Rocha Azevedo, funcionário da Light, e Maria de Azevedo Loyola, confessa não se lembrar de muita coisa, pois era muito nova quando viveu na cidade. Nasceu nas proximidades da cidade, mas a família mudou-se para a área urbana quando ela completou dez anos. O espaço da casa em São João Marcos ficou marcado:

A casa eu me lembro bem (...). Minha casa ficava atrás da igreja matriz (...) era antiga, boa (...), tinha uns quatro quartos, duas salas grandes. Era uma casa muito grande. (...) à noite, como a noite era bonita, a gente brincava de roda... juntava as colega, a turma daquela rua ali, a gente brincava⁷.

A festa mais lembrada da cidade é o carnaval. Todos os depoentes se lembram dos clubes, das disputas entre eles, da banda de música local e de como a cidade ficava movimentada nessa época. Para D. Ângela:

Lembro bem do carnaval que era bom. Muito bom. (...) Era um bloco só e tinha a banda da cidade, o maestro era meu tio, Joaquim Loyola. De-

⁶. Depoimento de Iracildes Coelho Pena da Rocha, em fevereiro de 1993, no distrito de Passa Três, Rio Claro, RJ, local atual de residência. D. Cidinha nasceu em Bom Jardim de Minas, em 06/11/25.

⁷. Depoimento de Ângela Medeiros de Souza, em fevereiro de 1993, em Rio Claro, RJ. D. Ângela nasceu em São João Marcos, em 01/01/28.

pois da escola de samba, o bloco, ia para o clube... tinha fantasia. Tinha carros bonitos, enfeitados⁸.

D. Cidinha lembra-se dos carros enfeitados:

O carnaval de lá era muito bom. Naquele tempo, imagine... São João Marcos tinha carro alegórico. Você nem acredita nisto, não é?⁹

Sr. Antônio, mineiro, nascido em Rio das Flores e criado em São João Marcos, foi funcionário da Light, como vários outros moradores do município. Embora morasse na área rural, a convivência com a cidade era constante, principalmente nos dias de festas:

Nós tínhamos, por exemplo, o clube, que era de dois andares. De frente para a igreja uns cento e poucos metros (...) era muito organizado (...) a pessoa para freqüentar tinha que ser sócio (...) as bandas se reuniam toda semana...¹⁰

A lembrança do carnaval, dos bailes e das festas periódicas, como a do padroeiro, São João Marcos, é o que mais une os depoentes à cidade. É a lembrança de um tempo perdido que não volta mais, nem a cidade existe mais. O único recurso possível de recordação é o acesso à memória, não só a individual, mas com alguma freqüência, a do grupo:

O pessoal de São João Marcos era um pessoal muito bom. até hoje, os que eu encontro, (...) quase a mesma festa assim: ô Cidinha... tem um até que chora ... quando a gente se encontra, chora ainda, viu? (...) depois de tanto tempo é bem emocionante quando encontra um marcosense; é bem emocionante mesmo¹¹.

Como reação à separação e à desagregação tem-se o recurso à memória, único possível. A idade do ouro nada mais é do que a recordação de um período de participação ativa, de descobertas, de paixões, de convivência num mundo de vivências partilhadas.

⁸. *Idem*.

⁹. Depoimento de D. Cidinha Pena.

¹⁰. Depoimento de Antônio Pedro de Souza, em janeiro de 1993, em Rio Claro, RJ. Sr. Antônio nasceu em Rio das Flores, MG, em 1925 e morreu em dezembro de 1993.

¹¹. Depoimento de d. Cidinha Pena.

A destruição - o fim da utopia

Segundo Sr. Antônio,

A destruição da cidade, ela foi aos poucos. Por que a Light foi comprando, foi indenizando o povo. Geralmente alguns ficavam mais difíceis, foram ficando para o final ...¹²

O movimento de saída da cidade começou no início do século, com a chegada da Light, e acelerou-se no decorrer da década de 30, quando começaram a chegar as notícias da verdadeira intenção da empresa. Muitas pessoas resistiram e só saíram quando já não havia mais como permanecer na cidade. Com a desapropriação decretada, os moradores tentavam salvar suas propriedades e perder o mínimo possível. Baseados nas relações que a Light mantinha com a população da região, os moradores intuía que não haveria nenhuma intenção de indenizar as propriedades pelo valor de mercado.

A reação à imposição de que as pessoas deveriam abandonar a cidade se deu de várias formas, seja pelos manifestos liderados por Luís Ascendino Dantas, nos protestos na cidade ou até mesmo pela recusa de alguns moradores em sair, indo morar nas proximidades da cidade que ia sendo destruída aos poucos.

Em 1939, visando comemorar o bicentenário da cidade, juntamente com o decreto que a tornava Patrimônio Histórico Nacional, os moradores organizaram uma grande festa. Essa festa, no entanto, não ficou muito registrada na memória, sendo freqüentemente confundida com os festejos anteriores, do padroeiro. Talvez pela proximidade destas comemorações com o fim da cidade, a memória tenha produzido seu esquecimento. Quando os depoentes foram provocadas a lembrar da festa de 1939, as recordações que conseguimos registrar foram, em geral, nebulosas. Para Sr. Antônio, a festa foi um colosso. D. Ângela não se lembra. A única lembrança mais efetiva é a de D. Cidinha. Nos momentos de recordação da festa foi quando mais ouvimos seus silêncios. A narrativa ficou entrecortada por observações rápidas e por longas pausas, permitindo-nos perceber o quanto esse episódio marcou a vida daquelas pessoas. O ponto alto da festa, além dos festejos musicais e pirotécnicos, foi, segundo D. Cidinha, a inauguração do marco comemorativo do bicentenário ao lado da matriz. Esse marco foi destruído recentemente,

¹². Depoimento de Sr. Antônio Pedro de Souza.

rio ao lado da matriz. Esse marco foi destruído recentemente, em consequência de um boato sobre a existência de ouro na sua base...

A demolição das casas ia sendo feita à medida que as pessoas as abandonavam. Assim, conta Benedito de Souza, funcionário da Light na época, que participou das demolições:

Eu derrubei a cadeia, derrubei a ... Prefeitura, a casa da Câmara, o clube. e tive ordem da igreja do Rosário¹³.

Sr. Benedito conta que os prédios que estavam próximos da represa eram demolidos com a ajuda do rebocador que ele dirigia:

Amarravam um cabo de aço em volta dos prédios e eu puxava com o rebocador...¹⁴.

As demolições começaram numa Quinta-Feira Santa. A população se organizou numa passeata de protesto, saindo pelas ruas carregando cartazes. Um deles dizia: “somos quatro mil e seiscentos brasileiros e não queremos desaparecer”¹⁵. A maioria das casas era demolida com a ajuda de marretas. Assim que as famílias saíam vinha uma turma de trabalhadores para destruir a casa. As pessoas só podiam levar os móveis da casa e nada mais. Depois da demolição, os operários incendiavam o material dos prédios.

O caso de demolição mais traumático foi o da igreja matriz. Sua construção havia sido iniciada em 1796 e terminada em 1801. Sua arquitetura trazia influência maneirista, típica daquela empregada pelos jesuítas, e barroca. A fachada principal era caracteristicamente maneirista, com as torres já evoluindo para o barroco, decoradas com quatro pináculos e azulejos portugueses. Seu interior era todo decorado em ouro. Sua construção era tão sólida que os recursos “normais” utilizados para as outras demolições não foram suficientes. A Light contratou um especialista, morador de Rio Claro, para dinamitá-la, pois os operários se recusaram a fazer o serviço. Sobre essa pessoa, conhecida por todos como Sr. Dudu, pairaram boatos quanto a seu destino: por ter sido culpado pela

¹³. Depoimento de Benedito Cornélio de Araújo, em janeiro de 1993, em Rio Claro, RJ. Sr. Benedito nasceu em São João Marcos, em 13/02/24.

¹⁴. *Idem*.

¹⁵. Citado por BARBOSA, Francisco de Assis. *São João Marcos antes do dilúvio*. In: *Testamento de Mário de Andrade e outras Reportagens*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional/Serviço de documentação/MEC, 1954, p. 82.

demolição da matriz, os moradores previram para ele toda sorte de castigos do Céu. Segundo um dos depoentes, tais castigos de fato se cumpriram. Sr. Wilson Coelho, filho do Tabelião de Notas e Escrivão da Justiça em São João Marcos, Elias Gomes Coelho, diz que o Sr. Dudu nunca mais acertou o passo na vida, atraiu um “mau astral” que lhe teria causado uma deformidade:

Ficou corcunda a vida toda. Anos depois... acabou, dizem que acabou em Valença no colégio de freiras lá...Ele cuidava do jardim do colégio, curvado...¹⁶.

A destruição da igreja ficou marcada como um sacrilégio, uma profanação. A construção de uma igreja em outro local, com características semelhantes à original foi prometida pelo governo estadual, mas nunca se realizou.

O cenário da destruição é rememorado como muito triste. As casas iam desaparecendo, as pessoas se espalhando, “indo para seu destino”, como disse D. Ângela:

Ah, era triste, né? Muito triste... As pessoas saíam, né? A Light dava o caminhão. Um caminhão encostava, dois ou três caminhão. Cada um ia pra seu destino, onde ia morar...¹⁷

Quanto à indenização:

A Light indenizou, recebeu, aí tinha que sair imediatamente... saía para Mangaratiba e não dava para comprar nem um rancho, né? As pessoas mais pobres que não, que não conseguiram sobreviver morreram, né? E..., quando não morreram de fome, de coisa, morreram até de paixão. E... foram embora, né?¹⁸

Considerando a decadência econômica da cidade aliada à questão da situação de área em extinção, completamente desvalorizada, podemos supor, concordando com D. Cidinha, que a indenização seria ínfima para adquirir um imóvel em qualquer outro local. Tudo isso reforça a idealização da cidade, já que o recomeço da vida em outro local não deve de ter

¹⁶. Depoimento de Wilson Itamar de Oliveira Coelho, em abril de 1993, no Rio de Janeiro. Nasceu na Fazenda Água Fria, em São João Marcos, no dia 04/10/19. Atualmente reside em Rio Claro, RJ.

¹⁷. Depoimento de D. Ângela Medeiros de Souza.

¹⁸. Depoimento de D. Cidinha Pena.

sido fácil. As demolições eram feitas e todo o material incinerado, segundo Sr. Benedito:

Eles pegavam o madeirame, tudo madeira de lei, cedro, madeira importante mesmo, sabe? Aí eles tiravam aquela madeira e botava, fazia aquele monte, botava fogo, queimava tudo. Se fosse hoje...

(...) olha, a Light hoje é uma coisa, agora é brasileira, mas no tempo que ela era estrangeira, ela preferia queimar tudo e não dava, não dava um pau uma tauba pra ninguém. Nem dava, nem vendia, tá entendendo?¹⁹

A empresa agia com total arbitrariedade, respaldada por um governo também autoritário. A opinião e o interesse dos moradores foram totalmente desconsiderados. Hoje, restam poucas ruínas no local da cidade. Virou local de pastagem. Mas, ainda podemos ver, em meio ao matalgal, alguns calçamentos, o antigo cemitério, as ruínas das igrejas.

Segundo Ecléa Bosi, “mudança e morte se equívalem para o idoso”²⁰. O desenraizamento, a perda da convivência com os amigos e parentes, equivale à própria morte. Em outra obra, a autora afirma:

O desenraizamento é uma condição desagregadora da memória: sua causa é o predomínio das relações do dinheiro sobre outros vínculos sociais. Ter um passado, eis outro direito da pessoa que deriva do seu enraizamento. Entre as famílias mais pobres e mobilidade extrema impede a sedimentação do passado, perde-se a crônica da família e do indivíduo em seu percurso. Eis um dos mais cruéis exercícios da opressão econômica sobre o sujeito: a espoliação das lembranças.²¹

Todos os depoimentos ressaltam o clima de revolta de todos os habitantes. Até os funcionários da Light eram contra a demolição. As vozes e as ordens a favor pareciam vir de muito longe, de um poder que ninguém alcançava. Na avaliação atual, porém, alguns depoentes, como o Sr. Wilson, entendem que havia a necessidade de abastecer o Rio de Janeiro:

Pra dizer a verdade, eu me transporto para aquela época, né? Evidentemente que eu não posso comparar a situação daquela época com os dias

¹⁹. Depoimento do Sr. Benedito Cornélio de Araújo.

²⁰. BOSI, Ecléa. *Memórias da Cidade: Lembranças Paulistas*. In: São Paulo (Cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento de Patrimônio Histórico. **O Direito à Memória. Patrimônio Histórico e Cidadania**. São Paulo: DPH, 1992, p. 148.

²¹. BOSI, op. cit., 1987, p. 362.

que vivemos, né? Para aquela época, a solução seria aquela, infelizmente, apesar de eu ser marcossense²².

Lamentando o acontecido, mas também entendendo as razões da época, Sr. Antônio afirmava:

... não é por causa de uma pequena cidade que a capital ia ficar sem abastecimento de água e de luz²³.

Tanto o Sr. Antônio quanto o Sr. Wilson não somente entenderam como justificaram a decisão da Light e do governo federal. D. Cidinha, ao contrário, munida de uma grande admiração por Ascendino Dantas, defende-o até hoje:

(...) a luta era dele... os que puderam ajudar não ajudaram. Todas as esperanças do povo, inclusive até minha, nossa, lá de casa, era o Seu Luís Dantas²⁴.

A explicação oficial para a destruição, a doutrinação ideológica, para utilizarmos a terminologia de Michael Pollack, não conseguiu apagar as lembranças da comunidade, expressa, hoje, em vozes individuais, destacadas. A idéia de que São João Marcos deveria desaparecer para viabilizar a vida da Capital Federal, se foi, até certo ponto, aceita por algumas pessoas, de outro lado gerou um inconformismo muito grande. O poder e o carisma do Estado Novo não foram suficientes para convencer aquelas pessoas de que suas vidas valiam menos do que a de outras pessoas. Não sendo resolvida a questão da reconstrução da cidade (houve diversos projetos e sugestões para a reconstrução em outro local), ficando somente na promessa, o trauma se acentuou, fazendo desta uma memória rancorosa, sentida. Segundo Pollack, “o longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais”²⁵.

Os sentidos de herança (a memória é herdada, não se refere apenas à vida física do indivíduo), construção (a memória é um fenômeno

²². Depoimento de Wilson Itamar de Oliveira Coelho.

²³. Depoimento de Antônio Pedro de Souza.

²⁴. Depoimento de D. Cidinha Pena.

²⁵. De acordo com Pollack, a história oral, ao privilegiar a análise dos excluídos, das minorias, ressaltou a importância das memórias subterrâneas, que criam o seu processo de subversão no silêncio, acabam aflorando em momentos de crise. POLLACK, Michael. *Memória, Silêncio, Esquecimento*. *Estudos Históricos*, 2(3):4-5,1989.

construído, consciente ou inconscientemente) e de identidade (o sentido que o indivíduo constrói de sua própria imagem, de si, para si e para os outros) apontados por Pollack indicam que a memória é permeada do sentido não só do que ocorreu no passado, mas do tempo presente e de seus conflitos. A memória se auto-constrói, mas também é imposta, enquadrada, quando interesses conflitantes estão em jogo. Daí é possível entender as diferentes concepções e aceitações da destruição de São João Marcos na voz de seus antigos moradores. A memória oficial fez a sua própria clivagem, legitimando a atuação dos interesses dominantes no episódio. Seus pressupostos foram absorvidos como verdade por uma parcela da população, mas ela não foi capaz de convencer a todos, propiciando a latência da memória. A memória política se reveste de características especiais, para Ecléa Bosi:

A memória política parece ser, assim, um jogo sinuoso, aparentemente sem vitória certa, no qual ora a ideologia dominante no grupo assimila as conquistas da observação direta, ora esta contradiz aquela mudando-a por dentro e deixando à mostra sua parcialidade²⁶.

A memória como linguagem é construída na sua relação com o esquecimento:

É possível sair do registro moral da história que pretende chegar a um conhecimento verdadeiro e essencial dos acontecimentos e passar a escutar a história a partir dos jogos entre esquecimento e memória, que são também jogos de produção/construção de verdades²⁷.

Através de depoimentos pessoais podemos ampliar a compreensão dos episódios, dos momentos de conflitos e permanências. Da busca do sentido do jogo entre memória/esquecimento emerge o sentido da história. Os depoimentos dos ex-moradores de São João Marcos revelam, dentre outras coisas, a impotência diante de uma situação irreversível e de um poder contra o qual não tinham armas para lutar. Ao discurso oficial, algumas vezes assimilado, essas pessoas, consciente ou inconscientemente, acrescentam a sua visão de mundo, a lembrança do espaço e dos laços vividos, fatores pouco considerados em situações-limites, quando o que está em jogo são interesses econômicos e políticos. Neste sentido, a memória é reação.

²⁶. BOSI, 1987, op. cit., p. 380.

²⁷. CARDOSO, Irene. *A dimensão trágica de 68*. *Teoria & Debate*, (22):60, 3^o trimestre de 1993.

ABSTRACT

In 1941, the village of São João Marcos, at the boundaries of Rio de Janeiro state, was destroyed by technicians of the Canadian The Rio de Janeiro Tramway, Light and Power Co. Ltd. to give place to a hydroelectric dam. The main goal of this article is to recuperate and analyze the expropriated memory of the village of São João Marcos' community, making use of the oral history resources as a fundamental technics to rescue from the memory of its members their identification whith that social and territorial room disapeared forever.

Key words: memory, city, modernization, eletric power.

BIBLIOGRAFIA

1. BARBOSA, Francisco de Assis. **Testamento de Mário de Andrade e outras Reportagens**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional/Serviço de documentação/MEC, 1954.
2. BOSI, Ecléa. Memórias da Cidade: Lembranças Paulistanas. In: São Paulo (Cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento de Patrimônio Histórico. **O Direito à Memória**. Patrimônio Histórico e Cidadania. São Paulo: DPH, 1992.
3. _____. **Memória e Sociedade**. Lembrança de Velhos. São Paulo: T. A. Queiroz/UNB, 1987.
4. CARDOSO, Irene. A dimensão trágica de 68, In *Teoria & Debate*, (22):59-64, 3º trimestre de 1993.
5. JOUTARD, Philippe. **Esas Voces que nos Llegan del Pasado**. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1986.
6. LE GOFF, Jacques. Memória. In: **Enciclopédia Einaudi. V. 1: Memória-História**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.
7. MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória**. A Cultura Popular Revisitada. São Paulo: Contexto, 1992.
8. NÃO será mais arrasada a cidade histórica.São João Marcos considerada monumento histórico nacional. **O GLOBO**, 19/05/39.

9. PAULA, Dilma Andrade de. *A Cidade Submersa. O Processo de Destruição de São João Marcos (1930-1945)*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1994.
10. POLLACK, Michael. Memória, Silêncio, Esquecimento. *Estudos Históricos*, 2(3):3-15, 1989.
11. _____. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, 5(10):200-215, 1992.
12. THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
13. VON SIMSON, Olga de Moraes (org.). *Experimentos com História de Vida (Itália - Brasil)*. São Paulo: Vértice, 1988.

RELAÇÃO DE ENTREVISTADOS

1. **Ângela Medeiros de Souza**, em fevereiro de 1993, em Rio Claro, RJ. D. Ângela nasceu em São João Marcos, em 01/01/28.
2. **Antônio Pedro de Souza**, em janeiro de 1993, em Rio Claro, RJ. Sr. Antônio nasceu em Rio das Flores, MG, em 1925 e morreu em dezembro de 1993.
3. **Benedito Cornélio de Araújo**, em janeiro de 1993, em Rio Claro, RJ. Sr. Benedito nasceu em São João Marcos, em 13/02/24.
4. **Iracildes Coelho Pena da Rocha**, em fevereiro de 1993, no distrito de Passa Três, Rio Claro, RJ, local atual de residência. D. Cidinha nasceu em Bom Jardim de Minas, em 06/11/25.
5. **Wilson Itamar de Oliveira Coelho**, em abril de 1993, no Rio de Janeiro. Nasceu na Fazenda Água Fria, em São João Marcos, no dia 04/10/19. Atualmente reside em Rio Claro, RJ.

